

SAIU NA IMPRENSA

Deficientes fazem cursos específicos de DJ, jardinagem e telemarketing

Matéria publicada no Caderno Rio do jornal O GLOBO, de 21/07/01

A sala de aula é um estúdio e seis estão aprendendo a serem DJs. O professor explica a operação da mesa de som e eles escutam atentamente. Depois, vão para a mesa fazer o que lhes foi ensinado. Pareceria uma turma qualquer de novatos DJs se o coordenador do curso do Senac, Luiz Salabert, não tivesse perguntado a um deles se estava vendo o botão azul. O curso é para alunos cegos e Luiz ficou sem graça, mas os alunos trataram de descontrair o ambiente rindo da gafe.

Enfrentando estas dificuldades, várias instituições estão criando cursos para deficientes, principalmente na área técnica. É uma tentativa de melhorar a qualificação deles para que tenham menos dificuldades para ingressar no mercado de trabalho.

O Senac do Riachuelo começou no mês passado seus primeiros cursos para deficientes. Segundo a gerente do Centro de Educação para o Trabalho e Cidadania, Gisele Safadi, após uma pesquisa, foi constatado que empresários reclamavam que não contratavam deficientes porque eles não eram treinados corretamente.

Junto com a Associação Brasileira de Defesa dos Deficientes (ABDD), o Senac criou cursos para deficientes. Surdos fizeram cursos para produtores gráficos, deficientes em cadeiras de rodas fizeram cursos de telemarketing e portadores de Síndrome de Down vão aprender jardinagem.

- Estes cursos serão um piloto. Queremos adaptar todos os cursos do Senac para que eles possam ser freqüentados por deficientes - diz Gisele.

João Quirino da Silva, de 30 anos, jamais pensou que pudesse aprender a mexer com aparelhos de som. Ele não sabe se vai virar DJ.

- Mas abre mais um caminho - disse.

Segundo Roberto dos Santos, coordenador de projetos do IBDD, as empresas estão procurando cada vez mais este tipo de profissional.

- Eles produzem como qualquer outra pessoa e têm mais vontade de trabalhar.

Visão preservada

MATÉRIA PUBLICADA NO CADERNO JORNAL DA FAMÍLIA DO JORNAL O GLOBO, DE 21/07/01

Oftalmologistas reunidos no congresso "Controvérsias em oftalmologia", realizado esta semana no Rio, dizem que a terapia fotodinâmica é uma boa opção contra a degeneração macular relacionada à idade, um problema grave que pode levar à cegueira. A técnica consiste em injeção venosa de uma droga fotossensibilizante. Depois, o médico irradia a retina com luz vermelha especial, que ativa o medicamento.

Brinquedos especiais nas praças

MATÉRIA PUBLICADA NO JORNAL O GLOBO, DE 26/07/01

O fim da clausura para crianças portadoras de deficiências físicas e mentais pode ser um processo, acima de tudo, divertido. O prefeito César Maia publica hoje, no Diário Oficial, decreto autorizando a instalação, em praças públicas, de brinquedos adaptados para deficientes, criados pela Faculdade de Arquitetura da UFRJ. São sete aparelhos desenvolvidos com base em atrações clássicas, como o jogo de amarelinha adaptado para cegos, com números emborrachados e em alto relevo.

O objetivo é ressocializar crianças que hoje passam boa parte do tempo em instituições especializadas.

- O Rio tem uma urbanização injusta com os deficientes. Não há lazer para deficiente. Por isso, tivemos a idéia de instalar os brinquedos adaptados em praças próximas a estas instituições – explicou o secretário de Meio Ambiente, Eduardo Paes, que encomendou o projeto à UFRJ.

Até novembro, os brinquedos serão instalados em dez praças. Duas já foram definidas: a Geysa Bôscoli, em Jacarepaguá, e a Clarim, na Taquara. A construção dos primeiros equipamentos será licitada e deverá custar R\$ 200 mil. A idéia é que eles passem a ser produzidos pela Fundação Parques e Jardins. Entre os brinquedos, está a geodésica, uma adaptação da tradicional estrutura metálica para pequenas escaladas, só que com mais pontos de apoio. O aparelho foi criado para portadores da Síndrome de Down. Outra atração é um quiosque com rampas de acesso para cadeiras de rodas.

A iniciativa foi apoiada com ressalvas por entidades que trabalham com deficientes físicos e mentais. Presidente da Associação Fluminense de Reabilitação, Lizaura Ruas diz que os brinquedos são fundamentais, desde que sejam mesclados com os já existentes:

- Caso contrário, a criança continuará marginalizada, só que numa praça pública – explicou.